

Inclusão de alunos com surdez na educação física escolar

Inclusion of students with deafness in school physical education

Tássia Pereira Alves¹

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, Brasil

Zenilda Nogueira Sales²

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, Brasil

Ramon Missias Moreira³

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, Brasil

Leonardo de Carvalho Duarte⁴

Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Brasil

Edvaldo Souza Couto⁵

Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil

Resumo

A educação inclusiva é um processo social que vem se desenvolvendo em todo o mundo e direciona os pensamentos para a reflexão sobre a educação e o papel da escola nos tempos atuais. Este estudo objetivou apreender as representações de alunos com surdez sobre sua inclusão nas aulas de Educação Física Escolar. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo descritiva-exploratória e analítica, realizada em duas escolas públicas de um município do interior da Bahia, Brasil. Participaram da entrevista semiestruturada 8 alunos com surdez, sendo que a mesma foi aplicada mediante a presença de um intérprete da Língua de Sinais Brasileira (Libras). Os dados foram organizados, tratados, e analisados à luz da técnica de análise de conteúdo, sendo selecionados elementos como palavras e frases dotadas de significados, em seguida codificação das unidades de registro. Nesse sentido, a partir da análise dos conteúdos manifestos, emergiram 4 categorias: aprendizado durante as aulas de Educação Física; atendimento às necessidades nas aulas de Educação Física; estratégias inclusivas utilizadas nas aulas de Educação Física; e sugestões para modificações nas aulas de Educação Física. Foi relatado pela maioria dos informantes que seus professores eram preocupados com o aprendizado deles, e em contrapartida, identificou-se que a prática pedagógica de outros docentes não considerava as necessidades educacionais de seus alunos com surdez.

-
- 1 Pesquisadora da linha de pesquisa em Educação Inclusiva do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Física, Esportes e Lazer-NEPEEL/CnPq/UESB. E-mail: tassinha29@hotmail.com
 - 2 Pós Doutora em educação e Diversidade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Professora Titular da Graduação e do Mestrado em Enfermagem e Saúde da UESB, Pesquisadora do Grupo de pesquisa sobre Educação Inclusiva e Necessidades Educacionais Especiais-GEINE/CnPq/UFBA. E-mail: zenysalles@gmail.com
 - 3 Doutorando em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Saúde Pública pelo Programa de Pós Graduação em Enfermagem e Saúde-PPGES/UESB. Especialista em Atividade Física, Educação e Saúde para Grupos Especiais pela Faculdade da Cidade do Salvador. Docente do Curso de Educação Física da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: ramonefisica@hotmail.com
 - 4 Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor do Curso de Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Pesquisador da linha de pesquisa em Educação Inclusiva do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Física, Esportes e Lazer-NEPEEL/CnPq/UESB. E-mail: leoduarateef@hotmail.com
 - 5 Pós Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor da Graduação e do Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade Federal da Bahia. Líder do Grupo Estética e Filosofia Contemporâneas-GEFC/CnPq/UFBA. E-mail: edvaldosouzacouto@gmail.com

Portanto, espera-se que esse estudo possa contribuir com o *modus operandi* na perspectiva da educação inclusiva e para novas reflexões sobre essa temática.

Palavras-chave: Percepção Social; Inclusão; Surdos; Educação Física.

Abstract

Inclusive education is a social process that is evolving around the world and directs the thoughts for reflection about education and the role of school nowadays. This study aimed at understanding the representations of students with deafness about their inclusion in Physical Education classes. This is a qualitative, descriptive-exploratory and analytical research, held in two public schools in a city in the interior of Bahia. Eight deaf students participated of the semi-structured interview, and it was applied with the presence of an interpreter of Brazilian Sign Language (Libras). Data were organized, processed, and analyzed from the content analysis technique, being selected elements as words and phrases endowed with meanings, and then coding the registration units. Accordingly, based on the analysis of manifest content, four categories emerged: learning during physical education classes; care needs of deaf people in physical education classes; inclusive strategies used in physical education classes, and suggestions for changes in physical education classes. Most subjects reported that their teachers were concerned about their learning, and in return, we identified that the teaching practice of other teachers did not consider the educational needs of their deaf students. Therefore, it is expected that this study will contribute to the *modus operandi* in the perspective of inclusive education and for further reflection on this theme.

Keywords: Social Perception; Inclusion; Deaf; Physical Education.

Considerações iniciais sobre a surdez e educação (física) inclusiva

A educação inclusiva é um processo social que vem se desenvolvendo em todo o mundo e direciona os pensamentos para a reflexão sobre a educação e o papel da escola nos tempos hodiernos. Portanto, compreende-se que a educação escolar deve proporcionar a todos os indivíduos o desenvolvimento social, cognitivo, psicológico e afetivo, de maneira integral, preparando os indivíduos para exercerem suas capacidades e funções de modo pleno na sociedade (NOZI; VITALIANO, 2012).

Desde a Constituição Federal de 1988 aos tempos contemporâneos, a sociedade depara-se com variadas utilizações e espaços direcionados à diversidade. Na educação, por exemplo, houve alguns avanços, como o lançamento do tema transversal *pluralidade cultural* nos Parâmetros Curriculares Nacionais, os Parâmetros Curriculares Nacionais para as escolas indígenas, bem como o Programa Educação para a diversidade, Diversidade na Universidade, e Cidadania e Educação Inclusiva (RODRIGUES; ABRAMOWICZ, 2011).

É a partir de uma educação pautada nos princípios da inclusão que pode acontecer o aprendizado e respeito pela diversidade e pelas diferenças, ou seja, isso indica que todos os alunos podem adquirir conhecimento, autonomia e atitudes frente aos valores que são construídos e elaborados socialmente, o que favorecerá as práticas de sociabilidade e integração entre todos os envolvidos. Embora nota-se muitos avanços, principalmente nas políticas públicas, ainda hoje, as pessoas com deficiência são induzidas a se posicionarem na sociedade como dependentes, existindo uma forte

tendência para a exclusão e rejeição do que é diferente, como se houvesse uma padronização de identidade, do que é normal. Essas representações encontram espaço em alguns espaços sociais, como a escola (FREITAS, 2011).

Nesse ínterim, a eliminação das barreiras existentes é complexa, devendo ser um processo contínuo de conscientização e sensibilização da sociedade no sentido de acolher todas as pessoas, independente das suas diferenças individuais e de suas origens. Nesse contexto, a constituição de uma educação inclusiva já se tornou uma exigência nas escolas do Brasil, seja por uma ordem legal, por conta das políticas públicas, ou mesmo por uma pressão cada vez mais organizada de grupos sociais ligados à questão das pessoas com deficiência.

Nesse sentido, a democratização e universalização das oportunidades devem ser pensadas de maneira real, de acordo com a realidade, sem atos paternalistas ou protecionismos, mas buscando de fato, o respeito pelas diferenças. Não significa facilitar as condições de acesso à educação, lazer, moradia e saúde para os deficientes, mas na realidade, trata-se de oferecer condições ideais de igualdade. Pensar nesse panorama é acreditar na capacidade potencial de aprender e produzir conhecimentos, de pessoas com formas diferentes de se relacionar com o mundo e com o saber; é conhecer, concretamente, que existe o princípio da universalização (BASSO; CAPELLINI, 2012).

Em contraposição, as políticas sociais e educacionais do Brasil exaltam a “diversidade criadora”, ao mesmo tempo em que existe um silenciamento no que diz respeito às diferenças no contexto educacional e isto tem definido a construção da normatividade como marco, norma e maneira das pessoas se comportarem, agirem e pensarem (ABRAMOWICZ; RODRIGUES; CRUZ, 2011).

Deste modo, a disciplina Educação Física como parte integrante da grade curricular das escolas não poderia ausentar-se desse processo de inclusão educacional. Destarte, corrobora-se com Rodrigues (2003) quando argumenta que o professor de Educação Física representa condição *sine qua non* para que a inclusão se torne efetiva, por ser instrumentalizado de conhecimentos e técnicas que contribuem para melhoria da formação, saúde e qualidade de vida dos alunos, além do acesso destes à diversidade.

O Professor de Educação Física, através de sua prática pedagógica comprometida com o desenvolvimento social, contribui sobremaneira no campo da educação inclusiva, fazendo uso de novas propostas e abordagens teórico-metodológicas, que estimulam a criatividade, a expressão corporal, a liberdade de movimentos, a ludicidade, enfim, implementam atividades capazes de proporcionar aos alunos experiências que favorecem a cooperação, a sociabilidade, bem como o seu desenvolvimento psicomotor (ZUCCHETTI, 2011).

Em se tratando das pessoas com surdez, corrobora-se com Greguol (2010), ao argumentar que apesar da deficiência auditiva aparentemente não demonstrar grandes comprometimentos ao desenvolvimento geral do indivíduo, o impacto da perda do sentido da audição pode acarretar sérios danos e agravos, caso o indivíduo não tenha estímulos apropriados. Segundo Dizeu e Caporali (2005) o contato da criança surda desde os primeiros anos de idade com adultos surdos possibilitará que esta criança consiga entender o mundo em que vive ajudando na construção da sua subjetividade.

Este estudo torna-se ainda mais relevante, pois, falar de inclusão numa sociedade excludente, desigual, com estigmas e paradigmas é uma tarefa árdua e difícil, princi-

palmente, no que concerne a Educação Física Escolar tendo em vista que seu passado, não muito distante, apresentou um compromisso maior com a eficiência do que com a cooperação e o desenvolvimento integral dos alunos (COUTO; GOELLNER, 2009). Nesse contexto, refletir sobre a educação de pessoas com surdez requer ir além das propostas educacionais, pensando nestes indivíduos como cidadãos que têm todos os direitos de atuar na sociedade com as mesmas oportunidades que apresentam os ouvintes.

Diante do exposto, esta pesquisa objetivou apreender as representações de alunos com surdez sobre sua inclusão nas aulas de Educação Física Escolar.

Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo descritiva-exploratória e analítica (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2012), realizada em duas escolas públicas (uma estadual e outra municipal) de um município do interior da Bahia, que atendem à população de pessoas com surdez no contexto regular. Nessas duas instituições de educação básica, a população total de pessoas surdas era de 12 escolares, constituindo assim a população desse estudo. Participaram da pesquisa 8 alunos com surdez, e foram determinados, a partir da verificação de repetição dos dados nas entrevistas, ou seja, a partir do momento em que os resultados de formatos mais coesos e consistentes demonstraram informações repetitivas e redundantes (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008).

Para produção de dados optou-se pela entrevista semiestruturada, a partir de questões norteadoras relacionadas diretamente com o objeto desse estudo. Segundo Manzini (2003) a entrevista semiestruturada é uma maneira eficaz de buscar informações junto aos entrevistados por meio de um roteiro prévio de questionamentos, tendo como objetivo assegurar aos pesquisadores a coleta de todas as informações desejadas.

As entrevistas foram gravadas em sala adequada, cedida pela direção das escolas, e é válido ressaltar que a entrevista foi aplicada mediante a presença de um intérprete da Língua de Sinais Brasileira (Libras), responsável por auxiliar na tradução e transmissão dos conteúdos das disciplinas curriculares para os alunos com surdez, inclusive nas aulas de Educação Física. Portanto, os signos e representações dos informantes foram traduzidos para a língua portuguesa, tendo em vista que se trata de pessoas que se comunicaram a partir de sua língua específica. Cada entrevista teve duração de aproximadamente 40 minutos e o período de realização da pesquisa foi entre setembro de 2011 e maio de 2012.

Os dados oriundos das entrevistas foram organizados, tratados, e analisados a luz da Técnica de Análise de Conteúdo Temática Categorical, proposta por Bardin (2011), e obedecendo aos seguintes passos: 1ª FASE: pré-análise; 2ª FASE: exploração do material e 3ª FASE: tratamento dos dados, inferência e interpretação.

Inicialmente realizou-se a leitura flutuante dos depoimentos definindo o *corpus* do trabalho constituído de 8 entrevistas. Em seguida, procedeu-se a leitura exaustiva dos depoimentos, para estabelecer os objetivos da análise. Foram selecionados elementos como palavras e frases dotadas de significados, sendo considerados como variáveis importantes ao processo de avaliação do sentido das opiniões, os quais se

denominam unidade de análise. Em seguida, houve a codificação das unidades de análise de acordo com a analogia dos significados e abstração das categorias

Quanto ao processamento das falas dos sujeitos e para facilitar a compreensão acerca dessas informações e do significado de cada eixo temático que emergiu das representações dos sujeitos, os resultados serão apresentados por categorias de análise. Ao final de cada recorte realizado nas falas dos participantes será indicado entre parênteses a identificação a partir das siglas A1 à A8.

Dessa forma, buscando atender os preceitos da ética em pesquisa, o estudo respeitou os aspectos éticos preconizados na Resolução n. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, onde a coleta foi iniciada após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos adolescentes e pelos pais ou responsáveis, quando se tratava de informantes menores de idade.

Resultados e discussão

Considera-se relevante apresentar algumas características dos entrevistados, visando favorecer o conhecimento acerca dos atores sociais que foram sujeitos dessa investigação. Verificando-se que participaram oito alunos surdos, destes, seis eram do sexo feminino. Em relação à idade, houve variação entre 15 e 22 anos de idade, sendo que a maior incidência foi de adolescentes com 16 anos de idade. Do total de entrevistados três estavam cursando o 2º e 3º ano do ensino médio e cinco estavam entre o 6º e 7º ano do ensino fundamental.

Nesse sentido, a partir da análise dos conteúdos manifestos, de onde emergiram os núcleos de sentido, surgiram quatro categorias referentes às percepções dos alunos com surdez sobre sua inclusão nas aulas de Educação Física. Dessa forma, encontram-se na seguinte ordem sequencial: aprendizado durante as aulas de Educação Física; atendimento às necessidades nas aulas de Educação Física; estratégias inclusivas utilizadas nas aulas de Educação Física e sugestões para modificações nas aulas de Educação Física.

Aprendizado durante as aulas de Educação Física

A Educação Física, enquanto disciplina escolar deve estar desvinculada dos aspectos de rendimento esportivo, técnica pela técnica, exclusão dos menos habilitados e qualquer outra prática excludente, devendo a mesma tratar da formação integral dos seres humanos envolvidos. Nessa direção, Araújo (2011) afirma que o desenvolvimento deve ser visto em sua totalidade, ao passo que a atividade cerebral e a atividade motora estão intimamente ligadas.

A partir das falas dos sujeitos, no que se refere ao aprendizado adquirido nas aulas de Educação Física, foram muitas as diversidades de pensamentos, variando desde os que não lembraram de nenhum conteúdo e o que não aprendeu nada aos que disseram terem aprendido muito. Como pode ser observado nos seguintes recortes:

[...] todas as propostas da sala de aula eu aprendia, pois achava interessante compreender o funcionamento do corpo humano, como cuidar da saúde, as doenças causadas por não praticar exercícios físicos, aprendi muito (A1).

[...] aprendi mais com os assuntos em sala de aula, com os jogos e brincadeiras (A3).

[...] alimentação, corpo, obesidade, frutas, saúde bom (A6).

[...] nada, não aprendi nada (A8).

Vale destacar que o entrevistado A2 afirmou que:

[...] aprendi muito pouco nas aulas teóricas, lembro de algumas sinalizações que minha intérprete de Libras fazia quando o professor explicava os conteúdos. Ele falou sobre alimentação e obesidade (A2).

Contudo, o entrevistado A5 não conseguiu lembrar-se de nenhum conteúdo abordado na disciplina.

[...] eu não consigo me lembrar de nada que aprendi, de nenhum assunto, mesmo participando algumas vezes da aula (A5).

É importante destacar a dificuldade existente para compreender o vocabulário da área da Educação Física, podendo inferir que este aluno pode não ter lembrado o nome “em português” dos assuntos trazidos pelo professor, mas não se descarta a possibilidade de ter havido o aprendizado de algum conteúdo abordado em sala de aula.

Os conteúdos da disciplina Educação Física destacados pelos sujeitos da pesquisa foram: corpo humano, cuidados com a saúde, alimentação, obesidade, as doenças causadas por não praticar exercícios físicos, o futebol, o basquete, alongamento, regras de jogos, jogos e as brincadeiras. É importante ressaltar que durante a entrevista o intérprete explicou que quando as aulas de Educação Física aconteciam fora da sala de aula com as práticas o aluno A7 não gostava de participar preferindo ficar em classe, então o professor passava uma atividade para ele fazer, como se percebe no seguinte relato:

[...] aprendo mais na sala de aula, porque nas aulas práticas os meus colegas gritam e esquecem que eu não escuto, sou surdo. E o professor? Não faz muito diferente (A7).

A seleção dos conteúdos em Educação Física deve levar em consideração a relevância social, a diversidade e as diferenças dos educandos da escola, a possibilidade de desenvolver a autonomia e liberdade de expressão nesses, além de um repertório motor cada vez mais diversificado que possa proporcionar aos educandos o desenvolvimento de suas competências (MORLEY et al., 2005).

Baseando-se nessa premissa, entende-se que os professores devem saber lidar com a diversidade que existe entre seus alunos e assim, ter uma postura melhor em relação às especificidades de cada um. Muitas das vezes, o problema das ações fragmentadas consiste na base, ou seja, está intrinsecamente relacionada com a formação inicial (RINALDI; REALI; COSTA, 2007).

Ayoub (2003) demonstra os desafios da Educação Física escolar no século XXI e destaca a importância da superação do simplesmente saber fazer nas aulas, quando argumenta:

Seus objetivos (Educação Física Escolar) na escola não estarão mais focalizados no desenvolvimento de habilidades e capacidades físicas ou de condutas motoras tidas como universais ou, ainda na busca do rendimento esportivo. A organização do conhecimento estará centrada no estudo de diferentes temas da cultura corporal, objetivando aprofundar o entendimento de que a configuração dos gestos humanos é histórica e que cada sociedade cria suas técnicas corporais (AYOUB, 2003, p. 113).

Atrelados aos assuntos da disciplina de Educação Física têm-se os elementos referentes aos aspectos cognitivos, psicomotores e afetivo-sociais do movimento, abrangendo uma série de conceitos, procedimentos e atitudes, os quais segundo Ferraz e Flores (2004) caracterizam a cultura de movimento. E é através dos conteúdos utilizados pelo professor nas aulas de Educação Física que os conhecimentos relativos a essas dimensões serão adquiridos, como os ligados à memória, diferenciação de fatos e conceitos, quantificação, sendo ainda, a dimensão conceitual da área da Educação Física, que ainda precisa considerar o nível de escolarização e de desenvolvimento do educando.

Atendimento às necessidades nas aulas de Educação Física

No que se refere à compreensão da surdez, alguns entrevistados, além de afirmar ou negar se a escola considera as suas necessidades, exemplificaram sua resposta fazendo referência à ação de seus professores durante as aulas. Alguns alunos entrevistados responderam positivamente e expuseram que seus professores de Educação Física se preocupavam em saber se eles estão compreendendo as aulas. E dois entrevistados ainda destacaram que os professores se utilizavam de alguns recursos de ensino para potencializar o aprendizado dos assuntos como, slides ilustrativos, vídeos informativos e desenhos.

[...] o professor era preocupado para que eu aprendesse [...] sempre fazia a pergunta “entendeu aluno A1”, muitas vezes nas aulas práticas utilizava gestos (A1).

[...] professor sempre conversa para saber se estou entendendo ou não (A3).

[...] sim, a professora é preocupada com eu e meu colega surdo (A6)

Em contraposição, apareceram três unidades de análise com percepções negativas sobre o atendimento às necessidades dos surdos durante as aulas de Educação Física:

[...] não, a minha sorte era a presença do intérprete de Libras (A4).

[...] o surdo não tem muito contato com o professor, ele deixa a responsabilidade para o intérprete (A5).

[...] professor só fala [...] professor poucas vezes mostra imagens, vídeos falam sempre (A8).

Estes alunos destacaram que as aulas de Educação Física não atendem às suas necessidades porque seus professores não utilizam nenhuma estratégia metodológica durante as aulas para facilitar a aprendizagem. Enfatizaram também que as aulas

ficam totalmente voltadas para os alunos ouvintes, sendo o intérprete de Libras o principal responsável por proporcionar a eles (alunos com surdez) a comunicação com os professores e a compreensão de todos os assuntos. Percebe-se que as falas dos alunos estão todas relacionadas com a conduta do professor, com a sua maneira de ensinar e de interagir com os alunos, questões que podem interferir tanto positiva quanto negativamente na participação e no aprendizado dos mesmos.

Desse modo, frente a essa demanda da inclusão, os professores de Educação Física necessitam de um conhecimento mais apurado sobre o processo de ensinar e desenvolver atividades para os alunos com surdez, sem segregar os demais, havendo a necessidade de recursos pedagógicos específicos e adequados que promovam a participação e inclusão de todos, independente de suas condições e características físicas (CRAWFORD, 2011). É com essa percepção que os docentes devem exercer suas atividades, utilizando multimétodos que possibilitem o desenvolvimento dos alunos com deficiência (FERREIRA, 2008), porém, de acordo com Lima (2009) aprende-se a ensinar ao longo de um *continuum*.

Segundo Gorgatti et al. (2004), a grande dificuldade para uma participação ativa dos alunos com surdez está na falta de conhecimento do professor em relação à deficiência, isso pode acarretar danos a área motora destes alunos, pois a ausência de experiências corporais diferenciadas acabam provocando problemas de equilíbrio, alteração da marcha e dificuldade de ritmo. Acrescenta ainda, que mesmo reconhecendo a legitimidade da Libras como meio de comunicação e expressão dos surdos, e com estrutura gramatical própria utilizada em suas comunidades, comprova-se que os docentes e as instituições escolares não estão preparados para atender a essa realidade.

O que se intui é que as discussões em torno desta temática e ações só se fazem presentes no espaço escolar a partir do momento em que o professor se depara com a presença do aluno com deficiência em sala de aula, do contrário, esta temática torna-se assunto distante da escola. De acordo com Zanata (2004, p. 58), estudos apontam que,

(...) independente do grau da surdez, muitas crianças têm condições de acompanhar o ensino regular, cabendo ao professor criar condições favoráveis ao ingresso e, principalmente, permanência desse aluno na escola, considerando não apenas os aspectos físicos e de socialização, mas, também, levando em consideração o real papel social da escola (ZANATA, 2004, p. 58).

Esse pensamento, então, se baseia na perspectiva de que a escola e, em específico o professor, deve lutar para que a inclusão desse aluno no espaço escolar lhe propicie o conhecimento científico e não apenas mais um lugar de socialização, os quais se concretizarão através de uma ação pedagógica consciente que considere as diferenças. Para atingir essa consciência na intervenção escolar, Lima (2006) considera essencial para a formação dos professores inter-multiculturais três domínios básicos: o dos conteúdos, o das metodologias e o da sensibilidade, argumenta ainda, a autora, que o último é requisito para os dois primeiros.

Estratégias inclusivas utilizadas nas aulas de Educação Física

No que concerne às estratégias utilizadas para a inclusão dos alunos com surdez nas aulas de Educação Física, quatro entrevistados afirmaram que seus professores garantem a inclusão deles nas aulas, e relataram que seus professores utilizaram algumas vezes estratégias diferenciadas de ensino durante suas aulas.

[...] sim, vídeos *slides* informativos e ilustrativos, fotografias e sempre se preocupava se eu estava entendendo (A1).

[...] o professor é muito comunicativo e sempre se disponibiliza a mudar as aulas para que eu e minha colega surda possa participar das aulas de Educação Física (A3).

[...] ela orienta com paciência, antes ela explica tudo na sala e depois vamos para a quadra (A6).

[...] algumas vezes trouxe fotos. As outras disciplinas sempre traz (A7).

Alguns entrevistados exemplificaram quais estratégias eram utilizadas pelos seus professores de Educação Física, sinalizando o uso de vídeos, *slides* informativos e ilustrativos, fotografias, desenhos no quadro, demonstrações e o uso de fotos.

Segundo Cidade e Freitas (2002), para que os educandos possam ter acesso aos conteúdos propostos e participem ativamente das aulas é necessário que o professor utilize estratégias adequadas de ensino, para que não haja a exclusão ou alienação dos envolvidos. Uma metodologia adequada com vários recursos além de ser necessária para a compreensão dos assuntos e a não exclusão do aluno, também pode despertar nele um maior interesse e motivação, utilizando no processo de aprendizagem exemplos concretos vivenciados no dia-a-dia, estimulando a expressão e a capacidade de criar.

No caso das pessoas com surdez a sua via de comunicação é a espaço-visual, então, torna-se necessário que o professor pense em estratégias de ensino que utilizem mais as informações visuais nas aulas, pois, é através desta modalidade linguística (espaço-visual) que se dá o processo de aprendizagem do sujeito com surdez e a formação de sua concepção de mundo (SANTOS, 2010). Uma das estratégias que podem ser utilizadas para maximizar a compreensão e aprendizado dos alunos surdos, segundo Greguol (2010, p. 40) é o uso frequente de demonstrações pelo professor ou de um aluno mais adiantado da atividade a ser executada e a exibição de figuras e vídeos que detalhem o movimento a ser aprendido.

Conjuntamente com as estratégias elencadas anteriormente, o aluno surdo como de direito deve ter sempre em sala de aula um intérprete de Libras, o qual torna os conteúdos acessíveis a ele. Contudo, é importante que esses conteúdos se tornem compreensíveis, de modo a assegurar o seu aprendizado. Neste contexto, o interpretar e o aprender estão ligados e o intérprete da língua de sinais acaba por exercer o papel também de educador (GORGATTI et al., 2004).

Sugestões para modificações nas aulas de Educação Física

Uma vez que os alunos com surdez não utilizam o canal auditivo para se comunicarem, e sim o espaço-visual, eles não conseguem entender as informações

transmitidas pelo professor ouvinte, o qual utiliza metodologias de ensino que não consideram a diversidade em sala de aula e as diferenças de seus alunos.

A fala e a escrita excessiva do professor em sala e o uso de vocabulários muito rebuscados acabam dificultando o entendimento dos conteúdos por parte dos alunos e principalmente dos alunos com surdez, que têm em seu contexto social a língua de sinais brasileira como sua língua materna e que possui uma estrutura gramatical diferente da língua portuguesa - a língua oral (nesse caso o português) utilizada no seu país que é de difícil aprendizagem por eles. Por isso, um dos entrevistados sugere que os docentes evitem que as aulas sejam totalmente teóricas, que utilizem estratégias de ensino que sejam mais visuais para que seja possível ter acesso aos conteúdos da disciplina.

[...] o professor deve fazer uso frequente de *slides* ilustrativos, vídeos e evitar aulas com estratégia oral, porque o surdo aprende pelo mecanismo espaço-visual (A1).

[...] através de brincadeiras, vídeos, desenhos (A2).

[...] melhor nas práticas porque pode brincar vôlei. Porque ter que fazer leitura é mais difícil (A3).

[...] se os professores sabem que nós não escutamos, devem pensar logo nas medidas a serem tomadas para que a gente participe totalmente das aulas (A5).

[...] não tenho o que propor, me sinto contemplada nas atividades e exercícios que a professora faz, mesmo com toda dificuldade (A6).

[...] eu sentada vejo palavra difícil pergunto ao colega, eu não ouço nada como entender? Acredito que ele tenha que explorar mais o recurso visual, fica mais fácil a compreensão (A7).

As dificuldades apresentadas pelos alunos com surdez no que se refere ao aprendizado e uso de línguas orais, como é o caso da língua portuguesa apresentam-se como desafios para pesquisadores e professores de surdos na busca por explicações e maneiras de superá-las (BRASIL, 2006).

Ao considerar a Educação Física como área do conhecimento do currículo escolar que tem como objeto de estudo a cultura corporal de movimento, ela é destacada como importante no desenvolvimento educacional, por utilizar a expressão corporal e o movimento como formas de comunicação não-verbal. Por meio do jogo, do esporte, das lutas, da ginástica e da dança pode-se transmitir comportamentos, sentimentos, valores coletivos e sociais, como também propiciar a descoberta de novos conhecimentos e promover o desenvolvimento integral de indivíduos com deficiência.

Não há porquê simplificá-la somente em momentos na sala de aula, que acabam desmotivando os alunos, pois em sua maioria os alunos encontram nas aulas de Educação Física o momento de desprender-se das cadeiras da sala de aula e liberar suas energias, por seu caráter descontraído e motivador, deve possibilitar a interação dos alunos, a criatividade e a livre expressão corporal. Para tanto, é necessário que o professor exerça o seu papel criando oportunidades de ensino-aprendizagem para seus alunos de forma mais prazerosa, considerando as diferenças existentes dentro

do grupo e assim utilizar estratégias de ensino que incluam todos os alunos na sua proposta pedagógica.

Considerar as opiniões dos alunos é fundamental para a prática pedagógica do professor em sala de aula, pois estes como sujeitos do processo de ensino-aprendizagem devem avaliar o aprendizado adquirido, exporem se ele tem sido eficaz e significativo para sua vida e, caso contrário trazerem sugestões que possam contribuir para melhoria e qualidade do ensino.

Coaduna-se com Zanata (2004, p. 57) ao ressaltar que todas as técnicas e estratégias que possam vir a elaborar e propor são expoentes de uma interação viva, pois vai além da interatividade e comunicação costumeiras de uma sala de aula. É preciso que o professor planeje sua aula com intencionalidade, do ponto de vista da autonomia, para a elaboração e seleção de estratégias e técnicas, além de organizar as atividades de aprendizagem em pequenos grupos para estimular a comunicação e a cooperação entre os alunos e utilizar constantemente métodos visuais que sirvam de suporte à informação que é transmitida oralmente.

Considerações finais

Através dos resultados desta pesquisa evidenciou-se que a inclusão, que tem sido um enredo discursivo em todo o mundo, está dando passos limitados no contexto da escola regular, porém existe a necessidade de fortalecer o ambiente educacional para que atenda às necessidades dos seus educandos, de maneira menos tímida.

Em relação à compreensão das necessidades dos alunos, foi relatado pela maioria dos sujeitos que seus professores eram preocupados com o aprendizado deles, e em contrapartida, identificou-se que a prática pedagógica de outros professores não considerava as necessidades educacionais de seus alunos surdos. Desta forma, deram sugestões para que os professores melhorem as suas aulas, de maneira que elas se tornem mais acessíveis e de fácil aprendizagem.

No entanto, há necessidade de que a formação superior disponibilize condições mínimas para que o professor adquira o conhecimento sobre as possibilidades da inclusão dos surdos nas suas aulas. Este conhecimento deve partir não só por meio de disciplinas específicas, mas sendo abordada a temática em todas as demais que constituem a grade curricular do curso de formação. Deve-se considerar que os conhecimentos do professor serão ampliados mediante a sua atuação no dia-a-dia do espaço escolar, desta forma as experiências vivenciadas neste contexto social é que lhes dará subsídios pedagógicos necessários para uma prática cada dia mais diferenciada e atenta para os desafios encontrados no cotidiano da escola.

Portanto, espera-se que esse estudo possa contribuir para reflexões e com o *modus operandi* na perspectiva inclusiva, uma vez que, na medida em que se identificam as dificuldades e potencialidades dos alunos surdos nas aulas de Educação Física, é possível planejar e delinear – baseado nas teorias - as ações e intervenções direcionadas à inclusão dos alunos com deficiência na turma regular de ensino.

Conclui-se, corroborando com as ideias de Abramowicz, Rodrigues e Cruz (2011), onde as autoras argumentam que precisa-se, na realidade, de uma pedagogia do intolerável, pois, percebe-se de forma passiva a exterminação sutil e despótica das diferenças (raciais, étnicas, sexuais, estéticas, físicas, dentre outras), e concomitan-

temente existe uma resistência diária a esta “processualidade” de encadeamento realizada pelos coletivos sociais marginalizados e excluídos e também pelas pessoas. Ainda segundo essas autoras, a pedagogia do intolerável é uma afirmação absoluta da vida, resistência do poder da vida contra o poder sobre a vida, resistindo ao aniquilamento e ao fascismo que se faz diariamente por cada um de nós.

Referências

- ABRAMOWICZ, A.; RODRIGUES, T. C.; CRUZ, A. C. J. A diferença e a diversidade na educação. **Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 2, n. 1, p. 85 - 97, jul./dez. 2011.
- ARAÚJO, P. F. **Desporto Adaptado no Brasil**. 1ª Edição, São Paulo: Phorte, 2011, p. 215.
- AYOUB, E. Educação física escolar: compromisso e desafios. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v.10, n. 1, p. 106 - 117, jan. 2003.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, p. 279, 2011.
- BASSO, S. P. S.; CAPELLINI, V. L. M. F. Material didático para alunos surdos: a literatura infantil em LIBRAS. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, UFSCar, v. 6, n. 2, p. 491 - 512, nov. 2012.
- BRASIL. **Saberes e práticas da inclusão**: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos. [2. ed.] / coordenação geral Brasília : MEC, Secretaria de Educação Especial, p. 116, 2006.
- CIDADE, R. E. A.; FREITAS, P. **Introdução à Educação Física e ao Desporto Adaptado para Pessoas Portadoras de Deficiência**. Curitiba: Editora UFPR, 1ª Edição, p.124, 2002.
- COUTO, E. S.; GOELLNER, S. V. **Corpos mutantes**. Ensaios sobre novas (d)eficiências corporais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 2ª Edição.
- CRAWFORD, S. An examination of current adapted physical activity provision in primary and special schools in Ireland. **European Physical Education Review**, v. 17, n. 1, p. 91 - 109, feb. 2011.
- DIZEU, C. T. B.; CAPORALI, A. S. A Língua de Sinais constituindo o sujeito surdo. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 583 - 597, mai./ago. 2005.
- FERRAZ, O. L.; FLORES, K. Z. Educação física na educação infantil: influência de um programa na aprendizagem e desenvolvimento de conteúdos conceituais e procedimentais. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.18, n.1, p. 47-60, jan./mar. 2004.
- FERREIRA, E. L. Inclusão através da Educação Física. In: FERREIRA, E. L. et al. (Org.) **Atividade física para pessoas com deficiência física**: aspectos sócio-culturais da deficiência. Juiz de Fora: Editora UFJF, p. 81 - 131, 2008. 3ª Edição.
- FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17 - 27, jan. 2008.
- FREITAS, N. F. Educação inclusiva e cidadania: aproximações e contradições. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, UFSCar, v. 5, n. 1, p. 40 - 56, mai. 2011.

GORGATTI, M. G. et al. Atitudes dos professores de educação física do ensino regular com relação a alunos portadores de deficiência. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v.12, n.2, p. 63 - 68, jun. 2004.

GREGUOL, M. **Natação adaptada**: em busca do movimento com autonomia. 1ª Edição, Barueri: Manole, 174p, 2010.

LIMA, E. F. A formação inicial de professores e a didática na perspectiva inter/multicultural. **Educação**, Santa Maria, v. 34, n. 1, p. 165-178, jan./abr. 2009.

LIMA, E. F. Multiculturalismo, ensino e formação de professores. In: SILVA, A. M. M. et al. **Educação formal e não formal, processos formativos e saberes pedagógicos**: desafios para a inclusão social / 13º ENDIPE. Recife: ENDIPE, 2006.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINI, M. A.; OMOTE, S. (Orgs.). **Colóquios sobre pesquisa em educação especial**. Londrina, 2003, p. 13-30. 1ª Edição.

MINAYO, M. C. S.; DELANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Editora Vozes, 32ª edição, p. 110, 2012.

MORLEY, D. et al. Inclusive Physical Education: teachers' views of including pupils with Special Educational Needs and/or disabilities in Physical Education. **European Physical Education Review**, v. 11, n. 1, p. 84 - 107, feb. 2005.

NOZI, G. S.; VITALIANO, C. R. Saberes necessários aos professores para promover a inclusão de alunos com necessidades Educacionais Especiais. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 25, n. 43, p. 333 - 348, mai./ago. 2012.

RINALDI, R. P.; REALI, A. M. M. R.; COSTA, M. P. R. Educação especial e formação de professores: onde estamos... para onde vamos?. **Horizontes** (EDUSF), Itatibá, v. 25, n. 1, p. 87 - 98, jan./jun. 2007.

RODRIGUES, D. A Educação Física perante educação inclusiva: reflexões conceituais e metodológicas. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, n. 23/24, p. 73 - 80, 2003.

RODRIGUES, T. C.; ABRAMOWICZ, A. Diversidade e as políticas públicas de educação. **Revista Contrapontos**, Itajaí, v. 11, n. 3, p. 244 - 254, set./dez. 2011.

SANTOS, S. B. M. Gestão democrática: Abertura para a Acessibilidade do Sujeito de Identidade Surda Múltipla e Multifacetada nas Instituições de Ensino. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 4, n. 1, p. 50 - 63, mai. 2010.

ZANATA, E. M. **Práticas pedagógicas inclusivas para alunos surdos numa perspectiva colaborativa**. 2004. 201f. Tese (Doutorado em Educação Especial) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

ZUCCHETI, D. T. A inclusão escolar vista sob a ótica de professores da escola básica. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 197 - 218, ago. 2011.

Recebido em 12/03/2013. Aprovado, para publicação, em 19/09/2013